

## How can I say no?

Estar perto dela é avassalador. De um jeito bom. Ela é aquele tipo de pessoa que te puxa para si. Tem uma aura própria, você se sente especial de estar no entorno da vida dela. Algo fora do comum. Mas, ela não é nenhuma heroína, ela mesma diz, às vezes ela está tão miserável que me dói o peito, como se eu pudesse sentir sua melancolia; o divórcio, a pausa da banda e todo tipo de problema que todos enfrentamos em algum ponto de nossa vida adulta. É nestes momentos que passamos a maior parte do tempo juntas, é quando ela me chama e como eu poderia rejeitar o chamado de Hayley Williams?

Eu apenas fui. Parei o que estava fazendo e fui. Passei em um lugar para pegar alguns petiscos no meu caminho, e um engradado de cerveja, “noite das garotas” ela disse em uma mensagem de áudio, tão animada quanto uma criança. Eu sei que ela está fingindo. O chamado em uma noite de sexta só pode significar uma coisa: ela está solitária e triste.

Qualquer outra pessoa se sentiria usada, mas eu não. Eu sei que ela não é do tipo que aparece apenas quando precisa de alguém, pelo contrário, é uma ótima amiga o tempo inteiro. Então, por que não fazer algo por ela? E lá no fundo eu gosto. A companhia dela é melhor do que qualquer festa que rolaria esta noite.

Quando eu chego na casa dela a porta está fechada, porém destrancada.

“Hayley?” Deixo a sacola de papel do mercado no balcão da cozinha e subo as escadas.

“Hayley?”

“Lindsey? Tô aqui! Tomando banho.”

A porta do quarto está entreaberta, eu passo o mais silenciosamente possível, a porta do banheiro também está aberta, o suficiente para que eu veja as costas nuas dela através do vidro e da névoa de água quente.

“Eu deveria te assustar por deixar a porta aberta desse jeito!”

E assustei. Ela deu um pulo e se virou. Eu assisti o rosto dela mudar de assustada para confusa e então feliz. Ela sorriu abertamente.

“Eu sabia que você vinha e tinha que tomar banho né...” Ela tentou simplificar.

“Graças a Deus pelo banho.” Ela tentou fazer uma expressão ofendida, que se dissolveu em risadas.

“E a gente tá em Nashville, tipo, um crime aqui seria até interessante para quebrar o tédio.” Eu tive que rir com ela.

“Você vive em uma Nashville totalmente diferente, Hayley.”

“Ow.” Ela terminou o banho e puxou uma toalha branca. “Chama o Alf pra dentro, por favor? Ele deve estar cavando buracos no quintal.”

“Por isso ele não veio me receber quando entrei, vou lá encontrar aquele safado.” Ela murmurou um agradecimento antes de encostar a porta do banheiro.

Eu não sou uma pessoa fácil. Levo um tempo para me abrir e me sentir confortável com pessoas e ambientes. A casa de Hayley com certeza é um dos poucos lugares onde não tenho este problema. Certamente, graças ao nosso longo tempo de amizade e intimidade compartilhada durante todos estes anos. Quando ela me ligou para dizer que tinha chego no limite, entrado com o divórcio e se mudado, tudo ao mesmo tempo, eu fui a primeira a chegar e ficar com ela. Fiz companhia, garanti que ela comesse, bebesse, tomasse banho e se cuidasse minimamente, até que ela, finalmente, decidiu começar com a terapia, ainda tímida, e depois disso eu passei a ajudar cuidando do Alf e lidando com o ex dela quando necessário.

Hayley também não é uma pessoa tão aberta. Talvez por isso nossa amizade é diferente do que ela tem com o Brian, ou com Taylor. Ela diz que sou a primeira quando ela precisa de ajuda. Assim como, quando algo legal acontece sou a primeira para quem ela conta e conversa sobre. E por fim, a última em quem ela pensa antes de dormir. Não sei o que isso significa para ela, mas eu sei que eu não vejo minha vida sem ela. Nem quero imaginar isso.

Meus devaneios foram interrompidos no momento que pisei no quintal, o cachorro peludo veio correndo na minha direção.

Hayley apareceu na porta, secando os cabelos com a toalha.

“O que você trouxe?” Ela apontou para as sacolas na cozinha.

“As coisas de sempre.” Eu acompanhei Alf para dentro e fechei a porta.

“Sério que isso é cerveja?” Ela já bisbilhotava os pacotes.

“Achei que ia bem com os salgadinhos.”

“Meu Deus, eu te amo.” Ela disse abrindo a geladeira.

Passar a noite na casa de Hayley é tão normal para mim que já tenho algumas roupas aqui e até uma escova de dentes. Estávamos confortáveis no sofá, a TV ligada, mas não estamos dando atenção. Ela está bastante falante hoje. Acontece de vez em quando. Ela demora para chegar no ponto, no motivo o qual ela me ligou hoje. Eu sei que tem alguma coisa rolando, mas não quero acelerar. A esta altura, a gente tem um ritmo próprio.

Ela me contou do dia dela e eu poderia ouvir para sempre. Então ela me perguntou sobre a minha semana, eu não poderia mentir, foi cansativo. Trabalho,

cuidar de casa que eu estava passando o tempo na cidade, contratos para fechar, fotos para editar.

“Você terminou de editar aquelas fotos de depois do show?”

“Meu Deus! Se você não me lembrasse. Eu só fiz uma. Olha.” Eu peguei o celular para mostrar.

A melhor parte de trabalhar com a Hayley quão fotogênica ela é. É muito difícil eu me frustrar com alguma foto que tire dela. Nesta especificamente ela está linda. Usando um sutiã amarelo, o cabelo bagunçado e um sapato aleatório em sua mão. Ela caiu na risada.

“Meu Jesus! Eu nem lembro disso!”

“Você já estava totalmente chapada nessa hora.” Eu fiz questão de lembrá-la entre risadas.

“Cara, foi demais!”

“Sempre é, amor. Posso postar essa?”

“Claro. Faz uma legenda legal.”

“Pode deixar.”

Eu não passo muito tempo no celular. Principalmente perto dela. Apesar de trabalhar com fotografia e viver rodeada de tecnologia o tempo todo, eu adoro passar estes momentos com os amigos da “vida real”. E é o que fazemos. A gente ri, toma cerveja e o tempo voa quando estamos juntas. Eu fico completamente hipnotizada por ela, as piadas ruins, as histórias repetidas dezenas de vezes.

Até que ela levanta para ligar o som.

“O que vamos ouvir?” Perguntei.

“O After Laughter.”

“Tão narcisista ouvindo sua própria música.”

“Ué, alguém tem que ouvir. Além da minha mãe e você, é claro.”

“Ah sim, claro. Eu escuto o tempo todo.” Eu falo com sarcasmo e recebo um tapa no ombro. Ela não fica brava de verdade. A gente nunca briga, discutimos várias vezes, porém não brigamos. Desde que nos conhecemos posso contar nos dedos os dias que passamos inteiramente sem conversar.

Ela me puxou pela mão para dançar no meio da sala com ela. É divertido, é tão bom.

“Me desculpa por isso, mas ele me ligou hoje.” Ela começou, diminuindo o ritmo.

“Chad?”

Ela concordou com um aceno.

“Que merda. O que ele queria?”

“Conversar, acho. Disse que está na cidade, perguntou do Alf, da banda e de mim.”

“E como você está com isso?”

“Ah, não sei bem. Foi legal falar com ele e tudo. Logo em seguida eu chorei. Tentei achar alguma coisa dele que ainda estivesse aqui, sabe, pra sentir o cheiro dele de novo, sentir ele perto de mim. Eu não consigo evitar de imaginar como as coisas poderiam ter sido.” Ela parou completamente de dançar. Eu segurei as mãos dela nas minhas enquanto tentava manter contato visual, difícil com ela abaixando a cabeça, com vergonha de si mesma.

“Amor, me escuta. Tá tudo bem. Não é fácil e você não precisa superar em uma semana, ou em um mês, nem em um ano. Tira seu tempo. Mas você precisa lembrar o que esse homem fez com você.”

“Sim.” Ela apertou minhas mãos. “Obrigada por vir aqui.”

“Sempre vou fazer isso. Tô contigo minha garota.”

Ela olhou para mim e sorriu. Aqueles olhos verdes começando a recuperar o brilho. As sardas na pele dela, as linhas de riso, eu não consigo evitar de mapear todo o rosto dela, até parar nos lábios. Quando eu finalmente volto para a realidade, é como recuperar o ar depois de um mergulho. Ela ainda está sorrindo. Quase como se estivesse esperando alguma coisa. E eu não sei se é a mesma coisa pela qual eu ansiava.

Eventualmente, nós dormimos. A gente nunca acerta. Dessa vez caímos no sono no sofá. Abraçadas. Um filme péssimo na TV, tão chato que desmaiamos antes do fim.

Eu acordei no meio da noite. Segurando Hayley pela cintura, o cheiro do cabelo dela em mim. E uma dor aguda no pescoço.

“Hayles, vamos para a cama.”

Ela acorda devagar. Quando se vira para mim eu já estou me levantando.

“Vamos.” Ela me deixa ajudá-la a levantar. Caminhamos até o quarto. Alf está deitado ao lado da cama de casal, roncando.

“Dorme comigo.” Ela diz sonolenta, sem nem abrir os olhos direito no caminho.

Eu consigo negar alguma coisa para ela? Acho que não.

Então, dormimos.

Senti algo molhado no meu rosto. Um cheiro estranho. Deus, que isso? Eu abri os olhos, ainda pesados de sono, enfim percebi; Alf me lambia.

“Porra, Alf!” Tentei empurra-lo de cima do meu torso.

“Tudo bem aí?” Ela está parada na porta. Uma bandeja nas mãos. Alf correu para perto de sua mamãe, fingindo que nada aconteceu. Cachorro safado.

“Que isso tudo?”

“Café da manhã na cama!”

Eu me sentei, ela é toda sorrisos. A bandeja por outro lado, bem, ela tentou né, cozinha ainda não é o forte dela.

“Tem todos os industrializados que você adora. E essa torrada que eu fiz, e cereal, mel...”

“Que fofa. O que eu fiz para merecer isso?”

“Você é incrível, só isso.” Ela sentou do meu lado.

“Quais os planos para hoje?” Perguntei enquanto começava a comer.

“Ah, nada. Eu acho. Se você não estiver ocupada a gente pode inventar alguma coisa. Levar o Alf para passear, por exemplo. Sei lá.”

“Eu tô livre. Na verdade, tenho um trampo, mas dá para fazer mais tarde.”

“Eu já te disse o quanto te amo?”

“Essa bandeja provou tudo.” A gente deu risada.

Até coisas de rotina com ela são fora do comum. Escovar os dentes, arrumar o cabelo e se vestir é divertido. Ela traz graça. Mesmo nos momentos em que ela se desliga e parece contemplar tudo que tem acontecido, eu sei que ela está bem. Acontece às vezes. E eu estou aqui para trazê-la de volta ao presente.

Levamos Alf para o parque do bairro, apenas algumas quadras de distância. É manhã ensolarada de sábado por isso o parque está um tanto cheio. Ao contrário de outros dias isso não deixa ela inquieta. Ninguém a aborda por aqui. Nashville parece não fazer ideia de quem ela é às vezes. No máximo um ou outro olhar mais demorado, o que pode ser atribuído ao cabelo tingido que ela mantém, tão louro que beira o branco.

“Quer pegar um café na volta?” Ela pergunta, eu aceito.

Aconteceu na cafeteria. Os serventes não perceberam o Alf, e nós não entendemos que não deveríamos trazer ele para dentro. Enquanto aguardávamos na fila Hayley sussurrou no meu ouvido:

“Eu acho que não pode trazer cachorro para dentro.”

“Eu não vi nenhuma placa.”

“E eu não vejo nenhum outro cachorro aqui.”

“É, tem razão.”

Chegou nossa vez. A atendente sorriu aguardando o pedido.

“A gente pode entrar com cachorro?” Eu perguntei e Hayley cobriu a boca tentando evitar de rir.

“Desculpa, mas não.” Ela olhou por cima do balcão para Alf.

“Mesmo ele sendo fofo?” Hayley tentou.

“Infelizmente, não.”

“Pega o meu então, amor.” Eu disse puxando Alf para fora.

Hayley apareceu alguns minutos depois, os dois copos em um suporte de papelão.

“Ela achou que nós eramos casadas.” Foi a primeira coisa que disse.

“O quê?” Eu peguei meu copo e continuamos o caminho para casa.

“Sério. Ela falou tipo “que legal ver pessoas como vocês neste bairro” e eu tipo “pessoas como nós?” e ela “sim, você e sua mulher, seu cachorrinho, uma família completa.”

“Nossa, gentil da parte dela, mas...”

Nós estávamos rindo a esta altura. Porém, algo na minha cabeça guardou este momento.

“Né, eu não posso entrar com meu cachorro e você me chama de lésbica, tudo de uma vez.” Ela disse agitando a coleira com seus gestos exagerados.

De certa forma a atendente não estava totalmente errada. Às vezes eu me pego questionando a intimidade que tenho com Hayley, eu sei que ela é assim com todos seus amigos próximos, porém, ultimamente as coisas parecem ter... Evoluído, ou pode ser tudo coisa da minha cabeça por estar tanto tempo com ela. Entretanto, para alguém completamente desconhecido considerar que somos casadas. Minha mente guardou isso.

De algum jeito, o divórcio da Hayley mexeu com a minha concepção de casamento. Compromissos são difíceis. Esperar passar o resto da vida com alguém beira o impossível. O que eu custo a entender é como alguém não iria querer passar a vida com Hayley. Ela é a única pessoa que eu conheço que merece isso. Se amor de verdade ainda é alguma coisa. Ela merece.

A pequena confusão do café ficou na minha cabeça o resto da manhã. Até que Hayley se encheu da minha quietude e resolveu perguntar o que aconteceu:

“No que você tá pensando?” Estávamos de volta ao sofá, assistindo TV.

“Nada demais.”

“Fala. Você está estranha. Você tem coisas para fazer né?”

“Não é isso. Eu só estou pensando, Hayley, você se casaria com uma mulher?”. Perguntei em um fôlego só.

Ela me encarou. Eu encarei de volta. Eu sei que ela não tem nenhum problema com isso, ainda assim não consigo evitar de ficar apreensiva, como se a resposta fosse mudar alguma coisa em mim.

“Claro. Tipo, eu me casei com um babaca, certo? Então, porque não?”

Ela soltou um pequeno sorriso antes de continuar:

“Tipo, não é algo que eu planejo. Você sabe que eu preciso melhorar de uma forma geral primeiro. E então, se isso me fizer feliz...Claro que não agora, nem em breve. Sem casamentos para mim por um tempo. Porquê? Ia pedir minha mão?”

Eu ri, ela não deixa passar nada.

“Só uma dúvida eu acho.” Minha vez de olhar para o nada enquanto ela aguarda.

Não é nenhuma novidade o que eu sinto por ela. Eu nego para nossos amigos próximos. Entretanto, não consigo mentir para mim mesma. Já sinto isso há algum tempo. Na verdade, há muito tempo. Eu reprimi quando ela casou, é claro. Porém, ficar assim, sempre com ela, falando com ela, perto dela. Foi como se tivesse continuado de onde parou.

É um sentimento forte. É bom, ao mesmo tempo que me assusta. Eu não sou o que ela quer. Deus, se ao menos ela soubesse o quanto eu quero.

“Linds? Você está aqui?” Ela chamou.

Eu olhei para ela. Os seus olhos me encarando. Curiosa. E eu estou medindo o rosto dela novamente. Eu não percebi o quão perto estamos até sentir a respiração dela em mim. Deus, a única coisa que eu consigo enxergar são os lábios dela. Tão convidativos. Tão perto. Quando eu desvio o olhar, seus olhos estão fechados. É

nesta hora que eu encerro a distância. A beije, eu beije Hayley Williams. Beije como se fosse a última coisa que poderia fazer.

E ela me beijou de volta. Eu senti sua mão no meu cabelo. Ela me puxou para perto.

Um fogo se ascendeu em mim. Meu corpo se movia em direção a ela. Ela é o imã. Ela tem essa aura que te faz querer estar mais perto dela e eu estava atraída por isso há tanto tempo.

O beijo terminou lento.

“Cacete...” É a única coisa que ela diz quando se afasta. Os dedos tatuados tocando os próprios lábios, quase inchados.

“Hayley eu... Eu acho melhor...Eu... Eu.” Eu nem sei o que dizer. “Desculpa, eu queria tanto isso. Eu... Desculpa. A gente conversa mais tarde ok? Eu preciso ir.” Levantei, passei a mão no celular e carteira. Estava quase na porta da frente quando ela gritou:

“Não me deixa!”

Porra. Por que eu não consigo dizer não?

Eu não me mexi. Ela veio até mim de pés descalços, pegou meu casaco e largou no chão. Depois pegou meu celular e carteira da minha mão, deixou na mesa mais próxima.

Seu próximo movimento foi se aproximar, o rosto tão perto de mim, de novo. As mãos ao redor do meu pescoço, quando ela me olha seus olhos estão escuros. Uma olhadela para minha boca e lá vamos nós de novo. Ela me beija. Segunda vez em menos de 5 minutos. Nem nos meus melhores sonhos isto aconteceria.

“A gente deveria ir para a cama.” Ela diz ao encerrar o beijo. E porra, como eu poderia dizer não?